

REVISTA BIBLIOGRÁFICA

DR. LACERDA E ALMEIDA — *Travessia da África* — Edição acrescida do diário de viagem de Moçambique para os rios de Sena e do diário do regresso a Sena pelo Padre Francisco João Pinto; com uma introdução crítica do Dr. Manuel Múrias. — divisão de publicações e biblioteca da «Agência Geral das Colónias»; Lisboa, 1936; 441 págs. e 24 cartas.

Êste excelente volume cuja publicação foi determinada por despacho de S. Ex.^a, o Ministro das Colónias, de 13 de Abril de 1935, compreende os seguintes capítulos: *Introdução*, pelo dr. Manuel Múrias; *Diário da viagem de Moçambique para os rios de Sena*, pelo dr. F. de Lacerda e Almeida; *Explorações dos portugueses no sertão de África meridional*, que engloba os seguintes sub-capítulos: *Instrução e diário da viagem que fêz pelo interior de Africa o governador dr. F. J. de Lacerda e Almeida em 1788*, e *Diário da viagem da vila de Tete, capital dos rios de Sena, para o interior de África, feita pelo dr. F. J. de Lacerda e Almeida em 1798*; *Viagem do Cazembe a Tete em 1798 e 1799*, pelo Padre Francisco João Pinto; *Documentos e Divergências*.

Das criteriosas notas das 79 páginas da *Introdução* se colhem elementos para a síntese biográfica do dr. Lacerda e Almeida.

O dr. Francisco José de Lacerda e Almeida era filho de José António de Lacerda e nasceu no Brasil, na cidade de S. Paulo. Em 1772-73 frequentava o 1.º ano de Matemática e o 2.º de Filosofia da Universidade de Coimbra. Tendo-se aplicado com distinção aos estudos de Matemática obteve o grau de Doutor em 1777. Em 1778 estava já no Real Serviço e em 1780 foi mandado para as demarcações de Limites das Fronteiras do Norte do Brasil, em cuja missão se ocupou em formar derrotas, levantar mapas e fazer indagações. Executou várias diligências custosas e arriscadas, chegando a sofrer um ataque dum gentio que o pôs em evidente perigo de perder a vida. É notável a viagem de investigação de Mato Grosso a S. Paulo realizada em 1788. Foram mais de 600 léguas feitas em 86 dias, ou seja à razão média de 7 léguas por dia.

Em 1789 cai, com o animal em que ia montado, por uma

ladeira abaixo, ficando muito contuso e com a perna esquerda fracturada em duas partes.

Em 1790 regressa a Portugal, sendo no ano seguinte provido em primeiro tenente do Mar, talvez já, ou então pouco depois com exercício de Lente de Matemática da Companhia dos Guardas Marinhas. Em 1795 foi promovido a capitão de fragata, também com exercício de Lente de Matemática e em 1797 é-lhe passada carta patente de Governador de Rios de Sena, com a incumbência expressa de verificar a possibilidade de comunicação das duas costas, oriental e ocidental, da África, para cujo fim devia fazer tôdas as tentativas imagináveis.

Apesar-da má vontade do Governador de Moçambique que pouco ou quasi nada fêz para auxiliar, como lhe cumpria, a missão do dr. Lacerda e Almeida, êste prosseguiu com admirável zêlo e lisongeiro proveito.

O Governador de Moçambique não tolerava que o dr. Lacerda e Almeida gozasse de tamanhas regalias como nenhum outro antes dêle tivera. O seu espírito mesquinho preocupava-se com questões de jurisdição; em vez de auxílio a conceder, procurava contrariar a execução da travessia da África.

Vencendo as resistências daqueles que deviam ser os primeiros a auxiliar, o dr. Lacerda e Almeida leva por diante o seu intento. Vai de Moçambique a Quelimane e daqui a Tete, donde depois segue para o interior de África. Chega ao Zimboé do potentado negro Cazembe onde morre de fadiga, de febres e de desgostos.

A expedição desistiu do intento da travessia da África após a morte do dr. Lacerda e Almeida, e regressa a Tete sob o comando do P.^e Francisco João Pinto, capelão da mesma.

São interessantíssimas as múltiplas referências às várias tribos com que a expedição toma contacto.

Assim a pág. 126 se lê uma justa apreciação às qualidades de resistência e sobriedade dos indígenas que de Quelimane a Tete acompanharam o dr. Lacerda e Almeida na então difficil subida do rio Zambeze. Vejamos o seu próprio dizer: «Devo contudo dar aos cafres a justiça que lhes pertence: êles são homens fortíssimos, robustos e de uma paciência e sofrimentos incriveis. Quem poderá resistir a um trabalho de dias e violentíssimo, como se pode inferir do que tenho dito, expostos aos intensos ardores do sol, nus, e sem chapéu na cabeça? Êles contudo o sofrem sem murmurar, e também as bordoadas com ânimo alegre, cantando e comendo milho cru apenas inchado na água fria, em que o deitam de môlho por algum tempo».

E a pág. 199: «Geralmente falando, todos os cafres destas

terras Maraves e Mutumbucas, são bem figurados e robustos, mas as mulheres são horrendas, pelo uso que têm, de furar o beijo superior onde introduzem uma roda de marfim ou de cabaço de mais de uma polegada de diâmetro, de sorte que se pode dizer que o beijo serve de chapéu de sol da bôca. Vi uma só de entre elas com o beijo inferior semelhantemente furado e arrolhado».

São muitas as descrições de interesse etnográfico. A saudação à maneira indígena, as danças e batuques, a criminologia, os feitiços, o tipo de habitação, a alimentação, as bebidas fermentadas, o vestuário, os ornatos e adornos, as mutilações dos lábios, das orelhas e dos dentes, certos hábitos e costumes tais como a antropofagia e bárbaros sacrifícios humanos, tudo isto é objecto de judiciosas referências nas muitas páginas do esplêndido livro que vimos analisando.

Preocupações de ordem zoológica levam o dr. Lacerda e Almeida a anotar no seu diário alusões a muitos animais e aos seus costumes, como a elefantes, hipopótamos, leões, bois, vacas e cabras, peixes e muitas espécies de antílopes, tais como miruns, búfaras e gazelas.

Outras muitas citações poderíamos fazer. Não deixarei entretanto de transcrever uma passagem em que o dr. Lacerda e Almeida (pág. 83), fala das carraças e da maneira de as combater: «O carrapato, que sempre anda agarrado ao corpo das vacas, principalmente pelo ventre, não pode deixar de as mortificar e matar também. A continuada perda de sangue, chuchado por êstes impertinentes insectos, e a dor que causa contribuirão também para não andar muito gordo o dito gado a-pesar-de haver boa pastagem. O melhor e mais fácil remédio para êste mal é lavar repetidas vezes com água de tabaco o lugar em que estão ferrados».

Pelo que diz respeito à antropologia são muito importantes as referências que o dr. Lacerda e Almeida faz aos vários grupos étnicos das regiões que atravessou, entre os quais mencionamos: Ambos, Arambas, Arundas, Botombucas, Butongas, Cambundas, Maraves, Manguros, Mossenses, Muizãs, Mujáos, Munhais, Mussucumas e Uembas.

SANTOS JÚNIOR.

SERGIO SERGI — *Sulle variazioni di forma e di posizione dell'osso temporale nell' Uomo* — «Rivista di Antropologia», t. XXI, Roma, 1935-36.

O eminente director do Instituto de Antropologia da Universidade de Roma prossegue nos seus importantes estudos sôbre a

arquitectura geral do crânio em relação com a morfologia e a posição dos elementos ósseos que o constituem. Agora, nesta valiosa memória, ocupa-se do temporal que considera esquematicamente um tetraedro, o qual teria por vértices os pontos zigotemporal, apical, astérico e mastoideu.

MENDES CORRÊA.

THEODOR MOLLISON — *Spezielle Methoden anthropologischer Messung* — «Handbuch der biologischer Arbeitmethoden», VII, 2.^a parte, fasc. 3.^o, Berlin-Wien, 1938.

Não podia ser melhor entregue a elaboração da parte antropométrica do tratado sobre métodos biológicos de trabalho, dirigido pelo Professor Abderhalden. O eminente director do Instituto de Antropologia da Universidade de Munich, Prof. Mollison, desempenhou-se brilhantemente dessa tarefa. As 150 páginas que escreveu, constituem um excelente manual de técnica antropométrica. A bibliografia é predominantemente — mesmo quasi exclusivamente — germânica. Broca e Frassetto, por exemplo, não são citados. O primeiro já não é moderno, mas Frassetto é recentíssimo. As suas *Lezioni* não perderam ainda a actualidade.

M. C.

EGON FRHR. V. EICKSTEDT — *Geschichte der anthropologischen Namengebung und Klassifikation (unter Betonung der Erforschung von Südasien)* — «Zeitschrift für Rassenkunde», Stuttgart, 1937.

O eminente director do Instituto Antropológico da Universidade de Breslau, autor de valiosas investigações pessoais sobre as populações da Ásia meridional, faz neste trabalho uma resenha histórica sobre a nomenclatura e classificações antropológicas, que não tem interesse apenas para o estudo daquelas populações, mas possui um grande interesse geral. A revista dos trabalhos antigos e modernos sobre a antropologia sudasiática é também minuciosa e importante. Na parte respeitante à Índia Portuguesa cita os estudos de Fonseca Cardoso, Constâncio Mascarenhas, Betencourt Ferreira e Germano Correia.

M. C.

VICTOR FONTES — *La microcéphalie en rapport à quelques types morphologiques* — «Arquivo de Anat. e Antrop.», t. XVIII, Lisboa, 1936-1937.

A comparação feita pelo Prof. Victor Fontes, de quatro crânios microcéfalos da colecção do Instituto de Anatomia de Lisboa com quatro cabeças ósseas normais da mesma colecção, que apresentam os caracteres dos quatro tipos morfológicos da escola francesa de Sigaud e Mac-Auliffe, levou o ilustre antropologista à conclusão de que é possível, em muitos casos, enquadrar os microcéfalos e em geral espécimes patológicos nos quatro tipos referidos, os quais se não aplicam assim apenas como caracterização de normais. Análogamente ao que sucede com estes, também entre os microcéfalos aparecem exemplares de tipos mixtos.

M. C.

MARGARET ORFORD and L. H. WELLS — *An anthropometric study of South African Bantu females* — «South African Journal of Science», vol. XXXIII, 1937.

Estudo antropométrico, pela técnica de Martin, de 98 mulheres bantos adultas, de Joanesburgo. Figuram também no trabalho em questão informes sobre constituição, esteatopigia, etc. Os AA., entre as numerosas conclusões a que chegam, afirmam ter verificado a composição híbrida da população banto sul-africana. Nos indivíduos estudados apenas cerca de metade seriam negros puros os caracteres bochimanoideis apareceriam em cerca de $\frac{1}{3}$ da série.

M. C.

LIDIO CIPRIANI — *Zulu e Batonga* — «Rivista di Biologia», vol. XXIV, Firenze, 1938.

O ilustre professor de Florença efectuou, numa das suas notáveis jornadas científicas na África, o estudo antropológico de 56 Zulos e 42 Batongas de ambos os sexos, os primeiros de Eshowe e os últimos da Rodésia do Sul. Nas suas conclusões, Cipriani diz ter encontrado nos Zulos, além dos caracteres negróides, um acentuado australoidismo, e nos Batongas algumas influências bochimanoideis e pigmoideis, havendo, porém, nuns e noutros a influência dum elemento etiópico, mais fino do que o nigrítico ou o bochimane. Este elemento etiópico, segundo outros trabalhos do Autor, seria talvez sobrevivente duma população a que se deveriam antigas civilizações africanas.

M. C.

PIRES DE LIMA (JOAQUIM) — *Ares do campo* — Barcelos, 1937; 149 págs.; id. — *Vocabulário anatómico popular* — Separ. da «Folia Anatomica Universitatis Conimbrigensis», vol. XIII, Coimbra, 1938.

O ilustre Prof. Dr. Joaquim Pires de Lima, director do Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina do Pôrto, continua um intenso labor de publicista e de investigador, para proveito dos que estudam, regalo dos que leem, e satisfação dos seus muitos admiradores e amigos.

No livro *Ares do campo*, que abrange XVIII capítulos, há alguns com especial interesse etnográfico, tais como «Cirurgia veterinária: A castração da porca», «Cavalo maluco (novela minhota)» e «Progresso Agrícola».

Nos restantes capítulos há também um maior ou menor número de referências aos usos e costumes da gente aldeã de Famacão e Santo Tirso.

Muito interessante o capítulo «Demografia e ensino». O capítulo denominado «O castro luso-romano de S. Miguel-o-Anjo», é o estudo dum velho castro situado na eminência dum outeiro 3 kms. a N. do rio Ave e a 6 kms. de Santo Tirso e especialmente duma pedra ornamentada que o A. ali encontrou. Essa pedra figura no Museu Antropológico da Faculdade de Ciências do Pôrto por oferta do Sr. Prof. Dr. Pires de Lima.

O estudo sobre o Castro de S. Miguel-o-Anjo constituía já assunto duma comunicação do A. à S. P. A. E. que depois foi publicada nos «Trabalhos» da nossa Sociedade, vol. III, 1928.

— Na 5.^a Reunião da Sociedade Anatómica Portuguesa realizada em Coimbra em Fevereiro de 1937, o distinto Professor conimbricense Dr. Maximino Correia propôs fôsse nomeada uma comissão encarregada de elaborar um vocabulário anatómico com o fim de se procurar a uniformização da nomenclatura anatómica portuguesa.

Para que resulte obra de geito, teremos de entrar em linha de conta não só com os ensinamentos fornecidos pela filologia, mas também com o conhecimento da linguagem empregada pelos anatómicos portugueses dos séculos passados, não esquecendo que o uso faz lei.

O estudo do vocabulário anatómico popular tem, também, como é natural, o maior interesse.

Como valiosa contribuição para o conhecimento da maneira como o povo do norte de Portugal designa certas regiões ou órgãos do corpo humano e de alguns animais domésticos, o A. regista no trabalho que analisamos, nada menos de 430 palavras.

Como pequenina contribuição damos a seguir alguns vocábulos anatómicos que não encontramos na longa série do Prof. Joaquim Pires de Lima e por nós colhidos em Trás-os-Montes:

ALCATRA = cóxis (ouvi dizer em Moncorvo — «fulano cafu de costas e bateu com a *alcatra* no chão que não sei como não se matou; ARRIOZES = testículos; CACHOLA = moela da galinha e doutras aves; CÍRIA = fôrça, ânimo (ouvi dizer na Quinta de S. Pedro, Mogadouro, a propósito dum individuo débil em convalescença — «falta-lhe a *ciria*», isto é, faltam-lhe as fôrças; CARRIL DE BAIXO = maxilar inferior; ESCRAPELA = pálpebra (ouvi dizer «fulano tem uma *nacida* na *escrapela* do olho direito»: V. Santos Júnior, Estudo Antropológico e Etnográfico da população de S. Pedro, Mogadouro, in «Trabalhos da S. P. A. E., vol. II, 1924, pág. 94); GEMELGOS ou simplesmente MELGOS = gémeos; LABRÊSTO = freio de língua exuberante; PIRUCO = amontoado de cabelo no vertex ou região occipital por enrolamento da trança que se fixa com o auxilio de ganchos; o mesmo que *pucho* noutras regiões do país, nomeadamente no Minho.

À excepção de *alcatra* que ouvimos em Moncorvo, todos os outros vocábulos foram por nós colhidos na Quinta de S. Pedro, Mogadouro. Alguns foram já publicados no nosso referido trabalho.

S. J.

RAYMOND A. DART — *Racial origins* — Repr. from. «The Bantu-speaking Tribes of South Africa», London, 1937.

Importante estudo de conjunto sobre a etnogenia africana. O Prof. Dart analisa sucessivamente o papel etnogénico da *Brown Race*, dos Bântos, dos Bochimanes, dos Asiáticos e dos Nórdicos na formação da actual população da África. Para a discriminação dos vários elementos utiliza o índice cefálico, o contorno horizontal do crânio (segundo a classificação de Sergi), o índice vertical, a forma da face, etc. As suas investigações levam-no a crer que o negro puro é dolicocefalo, ortocéfalo e de crânio ovoide, ao passo que o bochimane puro, sendo também dolicocefalo, é camecefalo, pentagonoide, microcefalo.

De 760 observações relativas a tribus de Bantos meridionais, extrai uma interessante classificação destas no ponto de vista da sua maior ou menor pureza.

Embora, a nosso ver, a braquicefalia esporádica ou a hipsicefalia não bastem para, como parece ser a opinião do autor, esta-

belecer, por si só, fortes presunções de influências asiática ou nórdica respectivamente — pois há a atender à extensão de variações individuais —, nem por isso a memória do ilustre Prof. Dart deixa de constituir uma valiosa síntese, susceptível de fornecer preciosos esclarecimentos ao problema das origens antropológicas das populações africanas.

M. C.

ALEXANDER GALLOWAY — A report on the skeletal remains from the pit-circles, Penhalonga, Southern Rhodesia — «South African Journal of Science», vol. XXXIII, 1937.

Descrição de três esqueletos de adultos, um feminino e dois masculinos, encontrados nas ruínas de Penhalonga, Rodésia Meridional. São restos de um grupo de Negros, mas com muitas particularidades que o A. diz «pre-negras». Afins dos Bantos, teriam, porém, caracteres bochimanoídes e boskopóides.

Segundo o A., não se trataria dos construtores daqueles monumentos arqueológicos, nem de representantes dos habitantes actuais da região, mas de indivíduos que sucederam àqueles e precederam os actuais povoadores bantos.

M. C.

COMTE BÉGOUEN et DR. H. V. VALLOIS — Un crane trépané provenant d'une nécropole de Montesquieu-Avantès (Ariège) — «Congrès Préhist. de France, XII^e Session, 1936», Le Mans, 1937.

Embora escasseiem os elementos para a fixação duma cronologia segura, parece que seriam eneolíticos os restos humanos encontrados numa pequena gruta da comuna de Montesquieu-Avantès por Max Bégouen, seu pai o Conde Bégouen, e M. Fournier-Sarlovèze. Entre êsses restos, que se refeririam a 4 indivíduos pelo menos, encontra-se um crânio, talvez feminino, de 30 a 40 anos, mesaticéfalo, de abóbada alta, face leptoprósopa, sem prognatismo, crânio êsse que no ângulo póstero-interno do parietal esquerdo apresenta um orifício de trepanação efectuada em vida e seguida de cicatrização. Vallois inclina-se a que essa operação dos tempos prehistóricos seria provavelmente curativa, pelo menos no princípio. Só secundariamente se poderia ter tornado ritual.

M. C.

PAUL WERNERT — Les pétroglyphes de Gravr'inis — «Revue Anthropologique», 47.^o ano, Paris, 1937.

Os conhecidos petroglifos bretões de Gavri'inis têm sido interpretados diversamente pelos autores. Wernert, recordando as hipóteses de Luquet e de Stockis (que, a seu turno, adoptara já as ideas de Maître e Bertrand), inclina-se para a possibilidade duma combinação, aparentemente paradoxal, das duas hipóteses. Como se sabe, Luquet vê naqueles desenhos estilizações dos olhos e das sobrancelhas, derivações da figura humana, de defuntos aos quais os monumentos seriam consagrados. Stockis considerava os famosos petroglifos como representações ampliadas das linhas papilares das mãos.

Ora Wernert alude ao facto dum índio americano Bella-Coola ter mostrado a Virchow as polpas dos dedos, dizendo-lhe que a lente central do desenho da polpa representava o olho e acrescentando que era o vestígio de olhos reais que outrora teriam existido nas extremidades do corpo humano.

Wernert admite como verosímil que um complexo de ideas semelhantes tenham inspirado os desenhos de Gavi'inis. Representando as polpas dos dedos, como queria Stockis, os autores dos famosos petroglifos pretenderiam representar também os olhos e o rosto humano, como é parecer de Luquet.

M. C.

MÁRIO CARDOSO — Jóias áureas proto-históricas da Citânia de Briteiros — Contribuição para a história da indústria das filigranas no norte de Portugal — Separ. do «Petrus Nonius», vol. I, fasc. 3, Lisboa, 1937; 9 págs. e 3 figs.

Ao ilustre Presidente da Sociedade de Martins Sarmento (Guimarães) é já a arqueologia portuguesa devedora de trabalhos de excepcional merecimento.

No trabalho que analisamos, o A. dá-nos a conhecer o achado dum «formosíssimo par de brincos ou arrecadas de ouro» aparecido no interior duma das pequenas habitações quadrangulares da Citânia de Briteiros, quando um grupo de jornalheiros ali procedia à limpeza do tójo e da torga. «O achado deu-se em circunstâncias perfeitamente idênticas às que se verificaram com as conhecidas arrecadas de Laundos, isto é, no interior duma habitação castreja, e as jóias contidas num vaso de forma quasi igual à do aparecido no castro de Laundos».

As arrecadas são grandes, cêrca de 7 cm. de comprimento,

uma com quasi 9 gr. de pêso e a outra com quasi 10 gr. O ouro é muito puro, quasi sem liga. A técnica de factura é filigrana delicada com ornamentação de contas e finíssimo granitado. Técnica e ornamentação aproximam estas jóias agora aparecidas em Briteiros do botão terminal dum formoso torques aparecido há anos na Citânia de Santa Tecla (Galiza). Cronològicamente, o sr. capitão Mário Cardoso atribue, e bem, as arrecadas que hoje figuram no Museu de Guimarães, aos últimos tempos da II idade do ferro, portanto aos séculos anteriores à era cristã, ou aos primeiros séculos da nossa era.

S. J.

DIOGO JOSÉ PEREIRA ANDRADE — *Historical Studies of the rosary in Hinduism, Buddhism, Mahomedanism and Christianity, with illustrations* — Tipografia Rangel, Bastorá, Índia portuguesa, 1937.

A importância e a supremacia da oração são inculcadas pelo autor, a partir da referência de Ali-Khan, em uma síntese profunda, que põe em evidência a generalidade dêste modo de concitar a divina fôrça, a favor dos actos e das intenções dos crentes. De mui variadas maneiras se exprime entre estes, de tôdas as religiões e nacionalidades, esta devoção que se chama — prece —. Se cada religião tem a sua própria, especial, há qualquer coisa de comum nas religiões, que levam aqueles que as professam, e tantos são os humanos que rezam, a práticas semelhantes, que se impõem do mesmo modo, pela sinceridade da crença.

Num trabalho muito bem escrito e documentado, o autor revela-nos os mais interessantes pormenores acêrca da origem, das formas, do uso e dos materiais de que pacientemente são confeccionados esses *utensílios da oração*, em diversos países e empregados no ritual de tão diversas gentes. Os rosários, de uso comum para os que rezam em tantas línguas do mundo, oferecem aos cientistas, aos etnógrafos e *folcloristas* objectos muito curiosos e interessantes, alguns executados com verdadeira arte, dos materiais inimagináveis, que a natureza fornece e os beneditinos de todo o orbe, com delicadeza inexcedível, aproveitam, dando, pela forma e textura destas cadeias oratórias, materializações de difícil descrição do pensamento religioso, quer se trate do islamismo, ou da crença búdica, ou da religião cristã. A tôdas as ideologias vai bem qualquer destes piedosos e delicados instrumentos reguladores da prece, os quais o sr. Diogo de Andrade descreve com exactidão e perícia, fundamentado em extensa e escolhida documentação, sobretudo de origem inglesa. O autor

encetou e levou a cabo um trabalho de valor etnográfico muito grande, interessante também à história dos cultos e dos ritos e à psicologia religiosa; revela nesta obra excelentes qualidades de investigador, entre as quais sobressai a probidade científica e literária, vasta cultura e a arte com que maneja o estilo, em língua estranha, conseguindo tornar grata a leitura desta instrutiva monografia.

J. BETHENCOURT FERREIRA.

ANTÓNIO DE ALMEIDA — *Sôbre mutilações étnicas dos indígenas de Angola* — Dissertação de concurso à Escola Superior Colonial. Lisboa, oficinas gráficas, 1937.

O autor, que é actualmente professor da Escola Superior Colonial, *doublé* de médico e etnógrafo, tem-se dedicado, com notável proficiência, a estudos de Etnografia Colonial, cujo proveito não oferece dúvida, nesta época de animada concorrência aos trabalhos, de diferente índole, que interessam ao perfeito conhecimento das colónias. Trata esta obra, em especial, das mutilações praticadas pelos indígenas da província de Angola, e entre elas inclui: — a perfuração das orelhas, do septo e das asas do nariz, bem como dos lábios; as amputações; o ritual da iniciação púbere (circuncisão), as mutilações sexuais e as deformações cranianas.

Entre estas diferentes mutilações, figuram as tatuagens, embora seja discutível a intercalação de semelhantes estigmas neste quadro. Êles são entretanto um equivalente ou acessório das outras formas de ritual, peculiares dos indígenas das várias possessões. Em boa hora vem esta dissertação acrescentar a bibliografia portuguesa e estrangeira, que avoluma cada dia, a respeito das colónias e dos povos de tão diversas raças que nelas habitam e cujos caracteres, costumes, ritos e *folclore*, artes e indústrias merecem detida e ilustrada atenção e aprofundado estudo.

Provido de abundante documentário e de conhecimento íntimo, pessoal, desta importante porção do Império português, não perde o autor nenhuma ocasião e nenhum motivo que possa interessar o leitor, ainda que destituído de preparação científica, tão clara e atraente se oferece a exposição.

Por essa soma importante de observações e notas, de grande valor étnico, acumuladas no livro, se pode avaliar das relações existentes, mas de difícil discriminação, de ordem físico-psíquica, entre as tribus que formam os núcleos numerosos e dispersos das

populações gentílicas da África Ocidental. É em particular a psicologia dos negros que nesta obra é visada e a torna de-veras interessante. As observações do autor são apoiadas por larga cópia de assertos dos escritores, que desde longos anos se dedicam a indagações etnológicas e, desta forma, só teremos de reconhecer quanto são aproveitáveis estas referências, directas e indirectas, exaradas na tése, para completa elucidação dos assuntos tratados em cada capítulo. Extenso e rico índice bibliográfico termina a obra, enriquecendo-a sobremaneira.

B. F.

MARIA CLEMENTINA PIRES DE LIMA — Folclore de Riba d'Ave — «Prisma», Pôrto, 1938.

Trata-se duma conferência pronunciada no Pôrto em Maio de 1937, com a colaboração artística das sr.^{as} D. Noémia Macedo Brito e D. Berta Alves de Sousa, e dos professores srs. Lucien Lambert, Luiz Costa e Cláudio Carneiro.

A sr.^a D. Maria Clementina Pires de Lima colheu um magnífico feixe de cantigas populares em Simão de Novais, concelho de Famalicão, mas através de cantadeiras das quais algumas eram provenientes doutros pontos, inclusivé duma cantadeira de Fafe que esteve em Trás-os-Montes. Predomina, no entanto, o folclore minhoto da região do Ave.

São devidos todos os louvores à distinta conferencista que ao mesmo tempo que cultiva com brilho a arte musical, se interessa vivamente pelas manifestações da alma popular, mantendo neste estudo de carácter científico uma nobre tradição de família.

M. C.

ALBERTO C. GERMANO O. CORREIA — Índia Portuguesa e Profilaxia anti-venérea — 1 vol. de 404 págs., Bastorá, 1938.

O ilustre antropologista Prof. Germano Correia estuda, neste livro magnífico e exaustivo, o problema da prostituição e do tráfico feminino na Índia, especialmente na Índia Portuguesa. É interessantíssima a resenha histórica que faz do assunto, estudando as relações dêste com a etnografia, com castas e as religiões indígenas. Adversário da regulamentação, o A. estabelece, no final do seu belo livro, sôbre bases científicas seguras, as directrizes da profilaxia contra a prostituição e contra os perigos venéreos.

M. C.

RENATO KEHL — A Educação dos Pais — 1938.

O ilustre eugenista brasileiro reuniu, nesta conferência efectuada na Escola Normal do Recife, um feixe de recomendações aos pais sôbre a educação que devem dar a seus filhos. A educação das crianças, segundo Kehl, deve começar pela dos pais. O A. ocupa-se sucessivamente da acção educativa do exemplo, da importância da imitação, do nervosismo e mau humor nas crianças, da autoridade e obediência, do fortalecimento da confiança em si próprio, do combate a defeitos, ao sentimento de inferioridade, à vaidade, ao egoísmo, à mentira, à preguiça, etc., etc.

O dr. Renato Kehl é partidário da educação das crianças pelos pais em matéria sexual. Nenhuma dúvida há em que é preferível um gradual e criterioso esclarecimento de certas curiosidades infantis pelos pais ou outras pessoas respeitáveis, a uma obstinação em reservas inábeis e excitantes dessas curiosidades ou a uma satisfação abrupta e mórbida destas por informadores desastrados ou depravados. No entanto, o assunto é melindroso e complexo. Os pais são de-certo os melhores guias e conselheiros, mas quando saibam distinguir entre realidades naturais susceptíveis de explicação decorosa e pormenores sórdidos cuja menção os possa mesmo desprestigiar aos olhos de inocentes crianças ou converter estas em mestras precoces da luxúria e do vício.

M. C.

ARTHUR RAMOS — Loucura e Crime — 1 vol. de 206 págs., Pôrto Alegre, 1937.

O ilustre cientista brasileiro reúne neste volume vários estudos seus de neuropsiquiatria clínica, de psiquiatria forense e psicologia social, de medicina legal e criminologia, e de crítica e polémica. Tem particular interêsse os estudos sôbre o vagabundo delirante José Cavalcanti dos Reis e sôbre a personalidade científica de Afrânio Peixoto e a escola de Nina Rodrigues.

M. C.

A. MENDES CORRÊA — La nouvelle et la vieille anthropologie criminelle — Extrait de la «Giustizia penale». Rome, 1936. (Análise transcrita da «Revue Anthropologique», fasc. de Janeiro a Março de 1938, págs. 90 e 91).

M. Mendes Corrêa précise dans cet opuscule de 50 pages ce qu'il entend par «nouvelle anthropologie criminelle». Les lecteurs

de cette revue ont déjà été mis au courant des opinions de notre savant collègue, mais, en lisant ces pages, ils constateront combien sont justifiées ses idées. M. C... ayant bien entendu été critiqué par quelques criminalistes italiens, qui ont le tort de se figurer que parler d'une nouvelle anthropologie criminelle tend à déprécier l'œuvre lombrosienne, s'efforce de prouver que cette manière nouvelle d'expliquer la genèse criminelle n'est que le perfectionnement de l'École italienne. On ne peut rester figé dans la conception lombrosienne admettant que le crime est un phénomène lié à une constitution anormale à type régressif: la science fait des progrès et l'observation démontre que les délinquants ne peuvent être répartis dans des classes rigides et se différencient constamment du type moyen de l'humanité honnête. M. C... a le courage de proclamer l'atypie criminelle, c'est-à-dire le polymorphisme criminel, l'existence de variétés individuelles ayant des tendances à commettre des délits. Certes il y a derrière les phénomènes antisociaux un substratum pathologique, mais souvent aussi celui-ci n'a rien de commun avec la réaction antisociale.

Certains auteurs italiens tendent à reprendre la théorie lombrosienne sous une forme atténuée: telle la théorie de di Tullio qui estime qu'il existe des individus ayant la «*costituzione criminale*» caractérisée par un ensemble de caractères corporels et psychiques spécifiques. M. C... repousse cette explication et la critique très nettement en faisant observer: 1° qu'il y a chez les criminels des constitutions variées dont beaucoup se retrouvent chez les non criminels; 2° que le caractère spécifique implique un élément toujours identique et s'accompagnant de symptômes n'appartenant qu'à lui seul.

Voici un extrait des idées de l'auteur qui donne une idée précise de sa doctrine.

«La criminalité a une base à la fois biologique, psychologique et morale, polymorphe mais néanmoins réelle. On ne conteste pas l'existence de délinquants constitutionnels, instinctifs, c'est-à-dire d'individus qui commettent des infractions ou qui, sous l'action de facteurs endogènes congénitaux, possèdent une forte tendance à la délinquance. Toutefois, s'il est vrai qu'il existe des dispositions congénitales plus ou moins marquées suivant les individus, il n'y a ni constitution criminelle, ni type constitutionnel organo-fonctionnel spécifiquement prédisposé au délit. L'anthropologie reçoit de la bio-typologie des directives, des méthodes, des faits, dont il serait injuste de méconnaître l'importance: néanmoins les deux disciplines ne se confondent pas. La nouvelle anthropologie criminelle prétend qu'elle est, non pas une école, mais une conception ample et impartiale, de ce que doit être, de

ce qu'est déjà dans de nombreux pays, l'étude scientifique des délinquants. La nouvelle anthropologie criminelle est fille de l'anthropologie criminelle lombrosienne, mais filiation ne signifie pas identité. Entre la fille et la mère ressemblance n'est pas absolue.»

En somme la nouvelle anthropologie criminelle n'est que l'extension plus scientifique des théories lombrosiennes. La science nous fournit des moyens d'investigation plus parfaits; il devient plus aisé de comprendre tout le complexus génétique et l'honneur de ce progrès revient à Mendes Corrêa. Cet opuscule complète heureusement son volume: *Nuova Anthropologia criminal*, paru en 1931. Et je termine en regrettant que les ouvrages de notre distingué confrère ne soient pas traduits en français! Espérons qu'il s'y décidera.

G. PAUL-BONCOUR.

PROF. FRANCESCO DEL GRECO — *Glandole endocrine, Personalità e Delinquenza* — «La Giustizia Penal», ano XLIII, Città di Castello, 1937.

Avaliação lúcida e criteriosa do papel da Endocrinologia no estudo da personalidade do delinqüente. É necessário, diz o A., completar a investigação psico-orgânica com a sócio-psicológica e moral. O problema da «reconstrução» do indivíduo e da pessoa em Antropologia Criminal ultrapassa os tipos, exige uma síntese *clínico-etológica*. O indivíduo e a pessoa resultam de quatro aspectos: da constituição, do temperamento, da mentalidade, do carácter. Os 2 primeiros são lados psicobiológicos do indivíduo, foram apreciados por Pende à luz da Endocrinologia. Mas não constituem toda a pessoa. Falta para isso uma superior energia intelectual-psíquica, que o A. vê na mentalidade e na parte mais complexa do carácter, que são formações sobretudo psico-sociológicas.

M. C.

GIULIO ANDREA BELLONI — *L'alcoolismo dal punto di vista della pericolosità criminale* — «La Giustizia Penale», ano XLIII, Città di Castello, 1937.

Primeiras linhas, diz o A., duma sistematização do problema da temibilidade criminal dos alcoolizados.

A importante memória começa pela definição antropológica do delinqüente alcoolizado, e trata sucessivamente dos caracteres criminaes na ocasião de intoxicação aguda pelo alcool, dos caracteres relativos aos delitos dos alcoólicos por intoxicação crónica, da embriaguez como manifestação anti-social por si própria, da prevenção penal do alcoolismo e por fim da bibliografia e das estatísticas relativamente à importância do alcoolismo em Itália. Sabido que 20 a 80 % dos crimes de sangue são praticados sob a influência do alcool, compreende-se que o alcoolismo, se não é factor exclusivo dêsses crimes, seja um seu *coeficiente* importante, como de muitos outros delitos e males sociais.

M. C.
